



Sinais de Esperança

São tantos, ao longo do caminho, que não podemos desanimar. Ele é tão fácil ver o mal; o muito que há para fazer; mais fácil ainda cruzar os braços e viver triste. Tentação em que podemos cair, se andamos desprevenidos ou pensamos caminhar sozinhos. Somos uma barca pequenina e frágil, mas o Senhor vai nela.

Ser uns para os outros sinal de esperança é construir um muro que impede o avanço da descrença. Dar a mão. Sim, dar a mão é semear esperança.

Estas notas nasceram da vida que levamos. Ontem, 17 de Julho, estiveram reunidos, em convívio, centenas de rapazes gaiatos que encheram a nossa Aldeia do bulfício alegre e familiar dos grandes dias de festa. Vieram com suas esposas, suas namoradas, seus filhos e netos também. Foi um verdadeiro banho de Esperança.

O que importa é semear e adubar com muito amor a sementeira. O fruto vem, a seu tempo. A verdade estava ali,

diante dos nossos olhos. Pai Américo semeou. Colheu muito. Mas deixou muito mais para colher.

É uma mensagem de esperança que O GAIATO quer levar a todos os seus leitores. Aos pais. Aos jovens inquietos que têm muito para dar, para semear.

Mais um testemunho que fica como documento: «Bem gostaria de me entregar à Obra; porém, sou mãe de 9 filhos e avó de 7 netos que precisam ainda de mim. Sou catequista para compensar a minha ânsia de entrega total. O Senhor é Bom e aceita a minha boa vontade, mesmo sabendo o quanto sou pecadora...».

Esta mulher compreende-nos. Colocamo-la sobre o alqueire para ser luz. Não a conhecemos, mas gozamos com a alegria que respira na doação aos seus filhos e netos. É um sinal de esperança para estes que nos foram confiados. Acreditado no mistério da Comunhão dos Santos. A ânsia de entrega



A hora chegará para o garoto que aguarda, na rua, o momento feliz de cair no regaço maternal dentro das Casas do Gaiato e do Calvário.

total que queima o coração desta mãe há-de contagiar outros, mais disponíveis. A hora chegará para o garoto que aguarda, na rua, o momento

feliz de cair no regaço maternal dentro do portão das Casas do Gaiato e do Calvário.

Padre Manuel António

CALVÁRIO

● Um dia desta semana a Liturgia das horas lembrou-nos esta palavra de S. Pedro, inserta na sua primeira carta a todos os homens — os homens de todos os tempos e de todos os lugares — a qual vem em reforço daquele conceito de Igreja de que falava a quinzena atrás e que importa consolidar em nossas mentes para que vivamos à nossa medida de plenitude: **Ela é de todos, para todos, por todos.**

Escreve o Apóstolo: «Cada um, assim como recebe a Graça, transmita-a a outros como é próprio do bom despenseiro da multiforme Graça de Deus».

A Graça é multiforme, mas não é dada em todas as formas a cada homem. Mesmo aos Santos! Cada Santo se distinguiu pela fidelidade com que viveu até ao heroísmo a sua Graça específica, o seu Carisma, o qual lhe não foi dado para terminar nele, mas para passar por ele a muitos homens. E a virtude do Santo está no «rendimento» em favor de muitos que soube tirar da sua Graça. Não a guardou para si, para servir a sua glória, mas pô-la à disposição dos outros — e é por este serviço que é glorificado.

A Graça é multiforme e cada homem é despenseiro dela. Da palavra do Apóstolo conclui-se que ninguém está dispensado desta função de comunicar os dons de Deus, antes parece indicar uma correlação necessária entre receber e dar, tal como no acto vital da respiração entre inspirar e expirar. E, se alguém se dispensar desta função, impede a circulação da Graça que dá vida ao Corpo que todos formamos. A falta de alguns não mata o Corpo; todavia, rouba-lhe saúde, diminui-lhe a vitalidade, torna-o menos eficiente.

No Corpo de Cristo que é a Igreja, não há lugar para passivos. Há diferentes funções, sim; mas todos têm a sua função. Negligenciá-la é arriscar o direito de pertencer-lhe; é sabotar o plano de Cristo que Se constituiu «pedra angular»

Cont. na 3.ª página

Cont. na 4.ª página

AQUI LISBOA!

«Ajudar é o verbo cristão. É, mesmo, ajudando que nós outros somos ajudados.» (Pai Américo)

Um dos exemplos mais elucidativos do sentido de ajuda que topamos, é representado pela acção dos órgãos regionalistas existentes nos grandes centros, mormente na Capital.

Casas concelhias, ligas de freguesias e lugares, algumas ditas de melhoramentos, representam de maneira clara que o espírito de solidariedade está profundamente arraigado na mente e no coração do Povo português.

Na região da Beira, que é a que melhor nos é dado conhecer, multiplicam-se as obras e as iniciativas levadas a cabo

pelos filhos ausentes dessas terras tão esquecidas pelos poderes públicos. Fontenários, lavadouros, electrificação, telefones, caminhos, edifícios de apoio social diversos, restauração de ermidas e de igrejas, etc., etc., são, entre muitos outros aspectos, alguns dos considerados nas ajudas dos que moirejam à distância e que, em busca de condições de vida mais humanas, deixaram, um dia, o seu torrão natal.

Entretanto, por todo o País, mormente no Norte de Portugal, nesta época de romarias, multiplicam-se as festas, às vezes só tituladas de religiosas, com a dissipação de milhares de contos em fogo de artifício, conjuntos musicais e similares, no esquecimento ou mesmo no desprezo das neces-

sidades locais mais elementares, das estruturas ou das pessoas mais necessitadas ou desfavorecidas. Não podemos deixar de verberar tal conduta, pelo desequilíbrio que denota, que nada tem a ver com o legítimo direito das pessoas conviverem e sãmente se divertirem, que a vida não é só labor e canseira.

A outros níveis sociais, os possidentes deste mundo, que também têm direito a conviver e a divertir-se, certamente, ávidos de constarem das gazetas de mundanismo, dão largas a manifestações de luxo e de ostentação que, sem demagogias, se podem considerar como atentórias de largas camadas da população que vivem ao lado, nas maiores dificuldades ou carências. É que, sendo todos solidários, os esbanjamentos e

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Em passo lento, balde na mão esquerda, o nosso amigo caminhava tranquilamente e saudava os transeuntes. Acabara mais um dia de trabalho, proporcionado à sua condição.

Paramos. Mal nos vê abre os braços, sorri.

— Já petisquei! E levo uns restos prós meus bichinhos...

Esta figura típica, marginalizada noutras terras, caiu aqui «em paradedas» — passe a expressão. Veio do Sul ao Norte como um cigano, jugido dos seus mais seus; e não vale a pena saber, muito menos dizer porquê.

Está no seu meio. Aconchegado numa moradia do Património dos Pobres. E escuta a Voz do Senhor...! Quando Deus quer, fala especialmente pela boca dos humildes. E de que maneira!

— Vou a Fátima. Preciso d'ir a Fátima...

Disse mais e mais. Uma hora santa, sem opas nem tochas!

PARTILHA — «Manuel de Braga» cumpre um voto, religiosamente: ajudar as Viúvas. Não falha uma mensalidade!: quatro contos, de Julho.

As Viúvas e Órfãos motivaram os primeiros cristãos... Não admira que os leitores despertem para esta problemática com a acutilância daquele tempo! Aqui temos, por isso, a assinante 1298, de Ilhavo, com 5.000\$ para uma heroína tornar habitável a moradia que o marido levantou com enorme sacrifício.

Hoje, a coluna é riquíssima! Ai está uma crucificada, d'algures, com cinco contos — muito escondidinha — em retribuição de dezenas que os leitores canalizaram para aliviar a sua miséria, agora minimizada porque a CNP fez justiça — que tardava. Certo impar duma inválida, idosa e vítima da solidão. Os Pobres dão a mão aos Pobres!

Velha Amiga, do Luso: mil escudos. Quatro vezes mais, da Rua Faria Guimarães — Porto. Retribuimos o abraço. Cacém, o habitual vale de correio: 1.000\$00. Alto lá! Estende o braço, com mais uma bolada, a assinante 31104: «Contribuição do mês de Junho» para três votos expressos (alívio de Pobres que guarda no seu coração). «O aumento da pensão — acrescenta — foi dividido equitativamente por dois deles, os mais precisados, que não olvidam as intenções que refere.

Um maço de notas, de velha Amiga, da capital, «para minorar a sorte dos nossos Irmãos — se puder ser, uma Viúva». Rua D. Pedro V, em Vila Nova de Gaia, 500\$00 e um desabafo cristão: «Desculpem a insignificância». Que belo!

«Velha Amiga da Figueira» — Figueira de Castelo Rodrigo — com um óbulo por intenção de familiares, já no Céu. Outro, da assinante 35019: «Modesto auxílio para alguns casos mais necessitados, protegidos pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». São tan-

tos! O costume, de Vilar (Vila Franca das Naves). Idem, de Santa Cruz do Douro — e boas notícias. Mais nada.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — O tempo foi inconveniente para a nossa agricultura, pois choveu muito. A batata, base da nossa alimentação, não foi tão boa como desejávamos. Provocou desânimo no grupo de 15 rapazes que a andavam a arrancar. Grande parte dela era pôdre; outra, muito miúda, ficando apenas uma pequena percentagem em boas condições.

Mas o mesmo aconteceu no maior sector, da nossa horta. Os tomateiros queimaram-se. A fruta (pêras, maçãs) é escassa.

Em contrapartida, outra parte da nossa agricultura beneficiou das chuvas e poupámos trabalho. O milho está bonito, desenvolvendo-se muito bem. Nem foi preciso fazer os regos nem regá-lo. Esperemos que dê bom fruto.

DESPORTO — No dia 10 fomos até Casal de S. Tomé de Mira, convidados por um grupo que se costuma juntar para jogos à bola e comer umas caldeiradas.

Na 1.ª parte do jogo andávamos um bocado às aranhas, talvez em consequência de termos andado a semana anterior na apanha da batata, o que nos impossibilitou de treinar.

Na 2.ª parte, ambas as equipas estavam mais organizadas e o jogo foi mais competitivo. Mesmo assim os golos surgiram pelos pés do Zé-zinho e Valdemar.

Mas dentro do programa do convívio, estava prometido um almoço: feijoada de carne de porco, feito por dois jogadores. Todos gostaram. A acompanhar, o vinho da terra (tinto e branco).

No fim do almoço ofereceram-nos uma bica, acompanhada com o jogo da malha.

João Paulo

Lar de Coimbra

Terminaram as aulas para o 7.º e 11.º anos do Unificado. A malta do 12.º continua a estudar para os exames de aferição. No Ciclo Preparatório há esperanças de bom aproveitamento.

Ultrapassaram-se dificuldades, apreensão de novos conhecimentos, desenvolvimento intelectual, a falta de motivação e crescimento individual. Para os mais novos na Casa, e no 1.º ano do Ciclo, a adaptação foi um factor determinante, vencidas as carências de várias espécies.

Procurou-se ambiente favorável para o estudo, um objectivo principal. Ocupação em horas de estudo, nos afazeres da Casa, no recreio, nos encontros com o grupo GEM, como na

vida em Miranda do Corvo, o campo e outras coisas úteis a construir.

«Não queiras ser um aleijadinho. Um homem que não sabe letras é um aleijado. Olha e não vê» — Pai Américo.

Estão de parabéns. O ano lectivo de 1987/88, em geral, teve bom aproveitamento.

Somente não transitou um dos 25 estudantes, do 1.º ano do Ciclo.

Guido

Tojal

ESCOLA — Na Primária as coisas correram menos bem que na Preparatória e Secundária porque no 1.º ano houve só uma «raposa»; os do 2.º ano do Ensino Preparatório e os do 7.º e 8.º do Ensino Unificado passaram todos. O Paulo Renato, que frequenta o 11.º, anda em exames. Para o ano contamos ter mais força e vontade de estudar pois o nosso futuro está no estudo e na nossa Obra.

Amanhã todos gostaremos de ter preparação para sermos alguém.

FÉRIAS — Começaram as férias. Trinta e um rapazes estão em São Julião da Ericeira e outros dez na Arrábida convivendo com os nossos

Amar a Vida

Jovem sem sorte,
Não olhes para a morte.
Aprende a amar a vida
Na tristeza e na alegria.
Tu consegues
Obter o que queres.
Segue em frente
E acredita sempre
Que o teu espírito
É um amigo
Capaz de equilibrar
O teu universo.

Jovem sem sorte,
Não chores.
Hás-de encontrar alguém
Que só deseje o teu bem.
Tudo está mal
Para todos em geral.
Segue em frente
E acredita sempre
Que o teu espírito
É um amigo
Capaz de equilibrar
O teu universo.

Jovem sem sorte,
Com o mal nada resolves.
O ódio
É um veneno
Que mete medo
É que destrói o próximo.
Põe a tua vida em paz!
Segue em frente
E acredita sempre
Que o teu espírito
É um amigo
Capaz de equilibrar
O teu universo.

Manuel Amândio

irmãos gaiatos, de Setúbal. No domingo, alguns foram em grupo passar a tarde com os pequeninos, em São Julião. Um dos mais velhos, quando chegou, trouxe novidades. No dia seguinte estávamos a trabalhar e contou-nos, com muita alegria, que os nossos pequeninos, que já saíram de cá gorditos, mesmo assim ainda mais gordinhos estão. São umas bolinhas rechonchudas e sempre alegres.

BANHOS — Começaram os banhos no tanque. Agora, tomam os pequenos; depois, os grandes. Divertimo-nos muito com esta «brincadeira»! Pena é ser pouco tempo... Aproveitamos, contudo, por grupos, que o tanque não tem lugar para todos ao mesmo tempo... Imaginemos a malta toda lá dentro...! O tanque ficava sem água!

AGRICULTURA — Os campos estão a produzir bem. Parece que, apesar de tudo, teremos uma boa colheita. Nós apanhámos a batata toda e já temos um celeiro cheio. O nosso olival está cheio de milho e aveia para as vacas, durante o ano, terem de comer.

Luís Miguel Fontes

Paço de Sousa

16 e 17 de JULHO — O 16 de Julho é uma data especial para todos os gaiatos, porque desde esse dia, em 1956, quando Pai Américo nos deixou, costumamos solenizar a festa da Obra da Rua; até para se acentuar a contínua presença, entre nós, de Pai Américo, a sua doutrina, o seu exem-

Associações dos Antigos Gaiatos

NORTE

Realizámos o nosso convívio anual na Casa-Mãe de Paço de Sousa.

No primeiro acto do programa, na Capela, junto do túmulo de Pai Américo, em nome de todos, o Valdemar leu a seguinte mensagem:

«Pai Américo, eis aqui estes teus filhos, que te vêm prestar mais esta singela homenagem. Não é uma homenagem como tu mereces e tens direito, mas temos a certeza que é como tu desejavas que fosse, se estivesses no meio de nós.

Nós sabemos que o teu espírito, que está junto de Deus, continua connosco e, por isso, aqui estamos também, para pedir que intercedas por nós todos, junto do nosso Bom Deus. Por nós, pelos nossos filhos, que afinal também são teus netos. Por todos os nossos ir-

plo de fraternidade que deve ser seguido.

Este ano, graças ao convívio anual dos antigos gaiatos, realizado a 17 de Julho, em Paço de Sousa, não houve passeio, dando-se oportunidade aos miúdos para irem aos grilos, na mata das Gordas.

Um fim-de-semana em cheio, recheado de cerimónias como a ocasião indicava, que decorreram maravilhosamente bem. Muita gente presente. Reviveram-se amizades. Conviveu-se o mais possível com os gaiatos actuais, o que é de louvar, pois não é todos os dias que se vê tanta fraternidade. Vale a pena comemorar este dia com o intuito de se avivarem os princípios de Pai Américo.

OBRAS — As obras no edifício da nova tipografia continuam em bom ritmo, agora com as portas e janelas à espera da última pintura.

O chão ficou uma beleza, principalmente na parte de baixo; um mosaico amarelado, para ser mais fácil a limpeza.

FÉRIAS — As férias do 1.º turno terminaram com as comemorações do dia 16 de Julho. Os banhistas, de Azurara, vieram no sábado, felizes e queimados pelo sol da praia, apesar de só ter brilhado, principalmente, na última semana de estadia à beira-mar.

Descansados, podem agora assumir funções, integrando-se, de novo, na organização da comunidade.

O 2.º turno já partiu e, pelos vistos, terá melhor temperatura.

Desejamos umas boas férias para os nossos companheiros e os nossos leitores.

Pires



As nossas Edições

• Novos Assinantes d'O GAIATO

O maço de correio, à nossa frente, é um mundo de gente devotada a O GAIATO. Novos e antigos assinantes — marcados pelo Famoso — não guardam só para si a mensagem. Motivam amigos e familiares.

«Junto envio... dum pequeno leitor (8 anos) que deseja ser assinante» — escrevem de Tondela.

«Ofereço uma assinatura do Famoso a uma sobrinha... Sei que vou dar-lhe uma grande alegria! Gostaria de ter uns braços muito compridos para abraçar a grande Família da

Obra da Rua, que tanto amo» — exulta uma «amiga de quase 77 anos», assinante 15520.

Da Beira Litoral, a assinante 49610 pede a inscrição dum irmão; e «oxalá o ajude um pouco, pois a leitura d'O GAIATO é benéfica e interpela-nos no sentido dos Outros».

Mais uma presença: «Cá estou, de novo, a enviar duas novas assinaturas. No endereço, para o posto médico, indiquem a referência... Ali estão sempre muitas pessoas esperando e como não há nada para lerem, minha mãe lembrou-se de oferecer esta assinatura. Uma boa forma d'O GAIATO ser conhecido e amado».

Que dizer de telefonemas recebidos!? Almas abrasadas que não resistem à emoção...! Horas deliciosas de acção de graças pelo bem que o Famoso opera nas gentes, mau grado as nossas limitações... Não é verdade D. Rosinha, boa amiga que, nos Correios da Batalha, abraça tudo e todos — há tantos anos!

Curioso é referir leitores eventuais que reconhecem o benefício da recepção d'O GAIATO pelos CTT; como este, de Marrazes: «Aceitem-me como assinante e enviem o 'Correspondência dos Leitores'. Há muito, e sempre que vejo um gaiato, adiro o jornal. No entanto, pretendo ser assinante — em vez de leitor ocasional».

Chegados aqui, pela exiguidade do espaço, lembremos os portugueses em diáspora, pelos

quatro cantos do Mundo. Recentemente, chegam notícias duma emigrante, no Canadá, pedindo «O GALATO que tanto interessa quando vou ler coisas úteis» — afirma. Registamos, ainda, leitores da Suíça, Brasil, Estados Unidos da América, França, etc.

• Um recado

Seguiu um postalzinho para cerca de 6.000 antigos leitores entre 48.000 assinantes — sobre o estado das respectivas assinaturas. O dito surtiu efeito, com era de esperar, em todo o sentido; respostas muito simpáticas!

«Ao receber o vosso 'recado' sobre a minha assinatura — confidencia a assinante 26802 — a primeira coisa que me ocorreu foi agradecer por não suspenderem o envio regular d'O GAIATO, como seria justo. A seguir, pedir desculpa... Mas, pasmei pelo registo do meu último contributo em 1984! Suponho ter dado notícias após essa data, talvez com o nome do cheque junto, diferente do registado no vosso ficheiro...»

Brejos de São Lourenço: «Cheguei aos 73 anos sem nunca conseguir emendar-me! Passo a vida a pedir desculpas a toda a gente! É triste, mas uma verdade cruel. Junto um cheque e... quando estiver em vida, avisem novamente».

Tondela: «Mando a importância de duas assinaturas, após tantas vezes enviar a de outras

— nesta freguesia há muitos leitores. O facto de não mandarem..., resulta de não sabermos preencher um vale de correio ou um cheque. Seria bom um apelo aos párocos para remeterem as quantias, após as receberem dos paroquianos — como tenho feito».

• Livros

Um sector em crescente expansão!

A Universidade Católica decidiu recomendar uma obra de Pai Américo — *Cantinho dos Rapazes* — como texto de apoio em provas das respectivas Faculdades. Até que enfim, Pai Américo sobe à Universidade! Estamos a ver e a ouvir o que diria...! Houve que «meter em capa», à pressão, mil exemplares da referida obra, entregues pelo nosso Padre Luiz na respectiva livraria. Não falando, já, da série de telefonemas clamando por um Cantinho, especialmente do Norte do País.

Mais: Pela primeira vez, temos local numa Feira do Livro, concretamente na Maia, cuja decisão partiu da própria edilidade. Os maiatos a tomar gosto pelas obras da nossa Editorial! Grande motivador da acção: Um autarca, ao qual devemos — há muitos anos — o cartão

canelado para embalagem das nossas edições.

Diariamente, chegam notícias sobre as novidades e obras já consagradas — com a marca de Pai Américo. O permanente diálogo leitor/autor (editor).

Assinante 27856: «Já dei duas vistas d'olhos ao Correspondência dos Leitores. Páginas maravilhosas — como todos os vossos livros — embora, muitas vezes, maravilhoso seja porque relata uma coisa dolorosa e o seu remédio ou possível remédio, de forma magistralmente humana e cristã. O GAIATO e os livros de Pai Américo contribuem, em não pequena escala, para que a Caridade não fique, ainda mais, só pelas boas intenções!...»

Assinante 28725: «Agradeço não terem esquecido de me enviar o Correspondência dos Leitores. Não consigo esquecer o que sinto ao ler o volume, pois consegue transmitir-me um certo alívio no meio deste mundo cada vez mais violento e materialista. As palavras de Pai Américo — sempre actuais!»

De Seia, a assinante 28852 frisa a actualidade da mensagem: «O Correspondência dos Leitores são pedaços d'alma com a marca de Jesus». Certo! Pai Américo consagrou a Obra da Rua ao Santíssimo Nome de Jesus.

Júlio Mendes

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª página

aliás, razões nas motivações para os efeitos apregoadas. A propósito dos chamados «chás de caridade», Pai Américo aduzia só conhecer chá preto e chá verde...

Ajudemos, que seremos ajudados, mas façamo-lo com discrição e humildade, no respeito pela dignidade dos Outros.

P. S. — As obras da Capela começaram. Para que saibais.

Padre Luiz

Senhor, com certeza, já te glorificou, junto da Sua companhia.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém.»

Consideramos que valeu a pena o sacrifício de meia dúzia de carolas que nestes últimos anos têm elaborado e realizado estes convívios.

Tivemos ocasião de referir, que, se fosse possível Pai Américo estar presente em corpo, se sentiria o Pai mais feliz do mundo.

Durante os vários actos que faziam parte do programa, ao olharmos à nossa frente, era com grande alegria e satisfação que víamos naquele grupo, ali reunido, a concretização do grande sonho de Pai Américo.

Desde os actuais filhos, passando pelos antigos, já se viam netos e bisnetos da Obra da Rua.

Sim, repito, este foi um dos grandes sonhos de Pai Américo: constituir uma família para os sem família.

Após a celebração da Missa, presidida pelo Padre Manuel — com oportuna homilia — comunicámos aos presentes que a Associação dos Antigos Gaia-

tos tem um papel muito importante a desempenhar no seio desta numerosa família. Para tal, faz parte dos Estatutos provisórios da Associação que deverá ter como um dos principais objectivos promover a amizade, a fraternidade e a solidariedade entre todos os seus membros. Foi com esse objectivo que estivemos reunidos em Paço de Sousa e, por isso, convidamos todos os antigos Gaiatos a inscreverem-se como sócios da nossa Associação.

Carlos Gonçalves

LISBOA

Já há muito tempo deveríamos ter dirigido este convite para nos reunirmos, mas o desinteresse, noutros encontros manifestado, também levou a adiar o que neste momento achamos não poder ser mais adiado.

Dois motivos de força:

Primeiro, a eleição dos corpos sociais da Associação, porque é necessário e urgente que funcione para darmos seguimento àquilo que os Estatutos preconizam, ou seja, os princípios que Pai Américo nos ajudou a trilhar e que, hoje, por

qualquer circunstância, não fazem parte de nossas vidas. Há rapazes que precisam de nós e esperam que a Associação, em boa hora criada, os ajude em momentos difíceis. Tenhamos, como exemplo muito concreto, a atitude dos companheiros do Norte, em relação ao Júlio Gomes. Temos que ter a preocupação dos Outros! Pensamos que existem alguns casos semelhantes...

Segundo: É o que diz respeito à criação da Cooperativa de Habitação dos Gaiatos. Paço de Sousa e Setúbal já se pronunciaram. Confessamos não possuir ainda elementos que nos permitam estabelecer um programa muito esclarecedor. Mas é possível que alguém, de Setúbal ou Paço de Sousa, possa dar umas luzes durante o Encontro marcado e para o qual estamos todos convidados, no dia 31 de Julho, às 10 horas da manhã, na Rua da Padaria, em sala gentilmente cedida por amigos nossos, da Paróquia da Madalena.

Não faltes! Os motivos são suficientemente fortes. Não contribuas com a tua ausência para a desmotivação de uma Associação que terá de ser viva!

Cândido Pereira

UMA CARTA

«Estive fora, em trabalho, e não gastei todo o dinheiro que lá me foi entregue para a estadia. Fazia as contas no dinheiro português, mentalmente, e afligia-me da nossa pobreza tão real. Fora a despesa do hotel fui muito sóbria nos gastos, incluindo a alimentação que fiz sempre frugal. Apenas comprei dois livros (tentação profissional!) e uma prendinha a meu neto, que tem 6 anos e meio e que, afinal, com remorsos, resolvi partilhar com os «Batinhas». O meu neto apenas ficará menos egoísta no risco de ter mais brinquedos do que precisa; só fará bem! O dinheiro que poupei mereço, creio bem que sim; já comecei a dividi-lo. Aqui vai outra metade para a Casa do Gaiato. E para outros dois ou três lugares mais onde tenho amigos e a Misericórdia vive e nos ensina um pouco o refrigério do mando de Jesus: amarás! Não faço nada do outro mundo porque também guardo o meu quinhão; pobre, relativamente!, que sou, reparto com juízo — ele logo irá para qualquer lado, que Deus não me fez rica, não; só que miraculosamente o meu(?) dinheiro tem dado ajuda

e migalhas desde que aos 23 anos comecei a trabalhar e vim a receber salário e já tenho hoje 58! Só Deus sabe o que tem sido este «milagre», que eu até gosto de ter dinheiro no banco, mas é um irritante «plafond» que faria rir quem tem dinheiro. E Deus, depois dos encargos de família, aí vai buscar sistematicamente seu tostãozinho. Ter mais seria ofendê-lo e eu bem aflita me veria ainda mais.

Sabe uma coisa? Todo O GALATO é uma vocação de escrita... a própria garotada. É uma bênção e um dom e uma qualidade. Espiritualmente assim é, mas eu digo-lhe também como nível de escrita e aí eu sei o que digo, que sou também criadora, minúscula embora!, e sou responsável, crítico literário, seja lá como for. Não é elogio que faço, é gratidão também intelectual. Olhe que também não é feita a gratidão intelectual; aceitei a minha perante o Famoso.

A humildade é uma partilha que dá. E o rosto Misericordioso da Caridade que de Deus, através de Cristo, vem pelos irmãos.» — Assinante 44492

TRIBUNA DE COIMBRA

O nosso dar contas daquilo que nos oferecem é mais uma atitude interior de dar graças a Deus — o timbre que acompanha a quase totalidade das ofertas que nos chegam. Somos uma família cristã e fazemos parte da grande família de Deus.

Muitas vezes vem oferta de um grupo de senhoras, de Cascais. Que mensagem linda a acompanha! Como há vidas de tanto sofrimento e tanta renúncia! A Fé ilumina a vida do peregrino. Só com Fé se aceita um certo peregrinar.

Todos os meses vem parte do peditório duma igreja. É duma vila que está a construir a igreja espiritual e só depois construirá a igreja material. Presenças de Condeixa, Castro Daire e de Leiria. Amigo, de Azóia; Amiga, de Amadora; um grupo visitante; a Amiga, de Vilar Formoso; Castelo Branco; Senhoras, da Figueira da Foz; dois mil, das «Alminhas da Pereira»; quarenta, de família de Coimbra; uma bicicleta pelo Governo Civil.

Uma ida à Casa do Castelo. A Maria Teresa já tinha telefonado: «Olhe que está aqui uma coisa». Muitos envelopes e embrulhos. Fomos um domingo à paróquia de Assentiz. Fizeram um ofertório solene na Eucaristia. Trouxemos a carrinha a não poder trazer mais. Que coisas boas e gostos tão amorosos!

Há dias, juntaram-se Amigos

de duas terras distantes. Vidas de amor a servir os mais pobres. Os maridos, ambos médicos, ambos com alma cristã. Problemas familiares idênticos. A Esperança anima suas vidas. Foi uma presença e conversa que me fizeram muito bem. Já têm vindo mais vezes.

A presença mensal de alguns casais; dez mil, da Covilhã; o mesmo, da Portela do Gato; o vale mensal, de Mira; muitos Amigos, em Tomar, enchem de mimos o vendedor e continuam a chegar por cheque ou vale de correio ou pessoalmente.

Um grupo; de Porto de Mós; 2.500\$00, da Auto-Industrial, de Coimbra; vinte mil, de casal, na minha aldeia; tenho obrigação de dizer bem da gente da minha terra pelos mimos que quase todos nos dão; dez mil, de professora vizinha; as ofertas da Mãe e da Filha; a Amiga, de Montemor, aparece todos os meses; Senhora, de Oeiras; 5.500\$00 que militar encontrou e veio trazer; Amigos, de Chãs de Leiria.

Um grupo de alunos e professores da Escola da Gândara dos Olivais. Vieram carregados de dinheiro e outras ofertas e muita simpatia. Dez mil, de sacerdote; quatro mil, de grupo de jovens; Amiga, de Cabeçudo; mil, mais 850\$, mais 1.500\$00, mais dez mil, de peregrinos de Fátima; Amiga, de Alcanena; trabalhadora dos Hospitais; Amiga, de Cabaços; dez mil, de

Albufeira; crianças da Catequese de Lourçal; Amiga, de Soure.

Muitos têm correspondido à aflição das famílias aflitas sem casa, de que dei conta. Também disse que sim às duas viúvas

que pediram um quatinho e casinha de banho. Alguns deram «um empurrãozinho» às casas do Chola e do Tonito. Desde já vos digo que as plantas são bonitas e eles andam atarefados e preocupados como conseguir tanto dinheiro.

Cem dólares, de familiar; cinquenta, de Lisboa; cinco mil, de Amiga, de Serpins; 113.700\$ e a visita de paroquianos de Areias; muitos envelopes levados ao nosso Lar; dez mil, de Montijo; Amiga, do Luso; carta, de Oleiros; cinco mil, de família de Santarém; 5.200\$, de alunos de Mortágua; quatro mil,

do Porto; cinco mil, de Queluz; oito mil, de «uma portuense qualquer»; de Arganil; de Elvas; de Anadia; de Médico, da Louçã; de Abrantes; da Póvoa de Varzim; de Eirô; de Seia; de Pombal; de Alcains.

Fui outra vez à Casa do Castelo; de Chão de Lamas; de Nelas; de S. Jorge, da Batalha; de Quaios; de Águeda; um grupo de crianças da Catequese de Figueiró dos Vinhos; de Ceira; de Alcorochel; da Marina Grande; e muitos de Coimbra. Por todos bendizemos o Senhor.

Padre Horácio

Do que nós necessitamos

Não sei fazer nem dizer melhor, a respeito da doutrina social, do que esta nossa Amiga: «Junto um cheque com a totalidade da minha pequena reforma para ajudar o que for mais urgente». Tem um sabor evangélico. Estes dons fazem a nossa riqueza. O damos tão pouco e recebemos tanto... de Pai Américo, continua actual. É doutrina que nasce da vida.

Encontramo-la, todos os dias. «Somos sós. Não temos filhos. Então pensamos em ajudar quem tem muitos e não tem casa. O nosso pão de cada dia é garantido pelo rendimento das nossas reformas... Feitas as contas, todo o nosso carinho e a nossa alegria vai para os que precisam.» Veio uma quantia grande. Mais responsabilidade. Estes gestos compromete-

tem-nos mais com os Pobres. Quando nascem da Fé, o verdadeiro Deus revela-se: «Roguem por nós, pobres velhos e doentes, para que, até ao derradeiro momento da nossa vida, tenhamos a graça de ver em cada irmão sofredor o mesmo Jesus que pregou a mais bela doutrina, a única que pode salvar». O milhão de escudos é sinal de desprendimento. Mais «um pouquinho do meu subsídio de férias — 10.000\$00».

O jornal O GAIATO, mais os livros são oportunidade de comunicação de bens: «É pena que a leitura acabe e sintamos que a palavra de Pai Américo continua cada vez mais actual». De F. de A., 250.000\$. Mãe e avó reza por nós e vive os problemas e as alegrias que sempre nos acompanham. Envia 50 mil. Mais três caixas com confecção, da Rotatextil. Viajante amigo passa e leva recomendações para a fábrica de calçado.

«Não envio o meu endereço pois pretendo conservar o anonimato.» Respeitamos e agradecemos. Esposa lembra seu marido, já falecido. Pároco de Campeã está presente. A Catequese do Centro do Mosteiro — Pedroso — deixa 15.000\$. Quatro vezes mais, pelas mãos de sacerdote que nos conhece. A comunidade de Mafamude, Gaia, «quis partilhar com os rapazes, a quem Pai Américo muito amou, as renúncias que fez». Lá de longe, de Hong Kong, chegam, regularmente, notícias da irmã Cândida. Dádiva de uma grande Amiga da Casa do Gaiato.

Vamos parar um bocadinho e olhar o que se passa dentro de nós: «Tenho uma grande fé, mas não dou aos outros o que eu entenderia ser-me necessário em situação idêntica». E mais. Anónimo, de Paranhos, 20.000\$. Mãe e filha, de mãos dadas, com outro tanto. Igual quantia e o mesmo carinho da assinante 14746.

Padre Carlos

Padre Manuel António

SETÚBAL

Tantos Amigos que o ano passado, e ainda este, se sacrificaram pela nossa Casa da Praia aguardam, naturalmente, algumas notícias!

Metade da população desta Casa do Gaiato, mais dez rapazes da Casa do Gaiato de Lisboa, fizeram-se «senhores» do seu Lar de Férias, na Arrábida.

Se a casa é linda, se o ambiente é dos mais soberbos do mundo, a sua exuberância atinge plenitude ocupada pelos «filhos de ninguém» a quem esta Obra adopta. Ali, eles sentem-se no seu lugar próprio. «Deus prepara uma Casa para o Pobre.» Deus amando-os desde sempre, mostra-se, assim, carinhoso e bom, oferecendo-lhes um ar leve e puro, um sol benéfico, um mar manso, azul e cristalino, uma serra majestosa e terna, umas vistas largas, sedutoras e cada vez mais apetitosas e uma praia incomensurável.

Os gaiatos manifestam sempre uma alegria particular, mas ela torna-se fásicante e arreba-

tadora no gozo da sua Casa de Férias!

Os meses de Julho e Agosto são inteirinhos para os gaiatos e para as servas e sérvos da Obra da Rua.

Ao longo do ano, todos os fins-de-semana, pelo menos, foram tempo de habitação, deste lugar «sagrado».

Muitos grupos de jovens das dioceses de Setúbal e de Lisboa fizeram aqui o seu encontro com Deus, na leitura da Natureza que se manifesta de forma eloquentemente invulgar, na reflexão silenciosa da Palavra de Deus e na simplicidade da nossa Capela.

Grupos de idosos das Misericórdias e Centros de Dia gozaram nela as suas férias, durante os meses de Maio e Junho.

Em Agosto, virão os doentes do Calvário em dois turnos de quinzena e o segundo grupo dos gaiatos de Setúbal e Lisboa.

Levantemos todos as mãos para Deus e... louvemo-lo pelas obras que realiza.

Padre Agílio

Calvário

Cont. da 1.ª página

da Sua Igreja e a quer edificada com «pedras vivas» ligadas entre si por uma argamassa que não é inerte mas a Vida que d'Ele jorra para todos, mediante todos.

• Nunca tinha estado em Beire estes dias-efeméride dos últimos passos de Pai Américo no mundo.

Em 12 de Julho, a bênção da Capela desta Casa do Gaiato. Foi quinta-feira nesse ano de 1956. À tarde safu para a viagem que terminaria quarenta e oito horas depois no hospital de Santo António onde Deus o veio buscar eram seis e cinco da manhã de segunda-feira, dia 16. Neste mesmo dia, um ano após, abriu o Calvário, seu derradeiro projecto.

Teve um especial sabor a celebração destes aniversários no lugar próprio: as duas Capelas que completaram trinta e dois e trinta e um anos. Aliás foi no salão do Calvário que celebrámos o dia 16 por ser ali mais fácil o acesso do doentes. Ao fundo, um «Menino Jesus» passeava em sua cadeira de rodas ao som suave do «hum-hum» que lhe é habitual. Tem vinte e três anos e aparenta de bebé. As vezes faz beicinho de menino, mas o mais frequente é rir, rir... É objecto de ternura e mais ainda fonte dela. Nenhuma dúvida nos permite de que não seja feliz, aqui e agora. A sua inocência é fundamento seguro da felicidade eterna para que nasceu, como qualquer de nós..., mas para ele mais certa. É uma presença irradiante de paz.

Olhos de ver ao pé poderão

razoar: «Porquê este ser assim?» E talvez ponham em causa Deus, a Sua sabedoria ou a Sua bondade.

A Fé transfigura a razão e as razões dos homens são nada diante dos imperscrutáveis desígnios de Deus. Multiforme é a Sua Graça. Este pequeno recebeu a que lhe foi atribuída e comunica-a. Sem o saber, é dom aberto, é «pedra viva».

E não só ele. Outros doentes, embora sem o encanto deste, são portadores de igual mensagem: uma misteriosa alegria de viver que nós, ditos «normais», temos dificuldade em entender e a eles os mantêm em forma na necessária linha de continuidade entre a de agora e a eterna felicidade, que só assim se alcança. Esta mensagem desafia-nos. Temos de assumir as contradições do presente e de aprender a ser felizes no meio delas, apesar delas, para cumprirmos o destino que trazemos em nós: a felicidade eterna. «Dos fracos não reza a História.» Nem de infelizes a História da Salvação.

Os desígnios de Deus são, na verdade, imperscrutáveis. E maravilhosas todas as Suas obras.



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (055) 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato Paço de Sousa-4560 Penafiel